

**O DISCURSO PARENÉTICO DE ORÍGENES
EM SUAS HOMILIAS SOBRE SÃO LUCAS**

Luís Carlos Lima Carpinetti (UFJF)
lulicarpinetti@oi.com.br

RESUMO

As homilias de Orígenes sobre São Lucas que conhecemos nos foram transmitidas pela tradução latina de São Jerônimo. Neste trabalho, procuramos recompor o discurso parenético de Orígenes na referida obra. Pelo fato de o assunto das homilias ser o Evangelho de São Lucas, que, por si só, é essencialmente parenético, resulta que, por vezes, as referidas homilias nos cegam por tamanha evidência do parenético de que se acha perpassado, mas nosso esforço será o de descrição e análise, buscando um distanciamento que nos permita ver com clareza os aspectos da divindade de Cristo que a todos marca e lhe concede um lugar único na história do mundo, a partir de sua concepção virginal em Maria até suas peregrinações a Jerusalém.

Palavras-chave: Parênese. Diatribe. Orígenes. Homilias. São Lucas.

1. Introdução

Em primeiro lugar, cabe responder à pergunta que se faria naturalmente sobre a figura do autor das *Homilias sobre São Lucas*.

Orígenes, cognominado Adamâncio, o homem de aço, ou de diamante, nasceu verossimilmente em Alexandria, de uma família cristã. Recebeu do pai Leônidas, uma educação particularmente profunda, grega e bíblica. Mas quando, em 202, Leônidas sofreu o martírio, durante a perseguição de Septímio Severo, os bens da família foram confiscados. Alguns meses depois, Orígenes abriu uma escola de gramática (isto é, de literatura) para poder manter a mãe e seis irmãos menores; em seguida, o bispo Demétrio lhe confiou a formação dos catecúmenos, enquanto continuava a perseguição, com as intervenções dos prefeitos do Egito. Por algum tempo, assumiu esse duplo ensino; depois, quando a família pro-

vavelmente não precisou mais de seu auxílio, deixou de ensinar a cultura profana para dedicar-se inteiramente à catequese. Impelido pelo radicalismo de sua juventude, vende então os manuscritos em seu poder por uma quantia muito pequena, e este gesto parece indicar uma renúncia a tudo o que não fosse conhecimento de Deus; mas as exigências apostólicas obrigaram-no a retornar àquilo que havia abandonado, e, para aprofundar seus conhecimentos filosóficos, segue os cursos de Amônio Sacas, o pai do neoplatonismo. Devota-se então a uma vida extremamente austera e, tomando ao pé da letra o passo de Mt. 19, 12, se mutila. Dentre as multiformes atividades do autor, podemos destacar sua extensa obra, viagens e contatos múltiplos, que duraram toda a sua vida. Morre aos sessenta e nove anos completos, no ano de 254 (Cf. BERARDINO, 2002, p. 1045-1046).

Passemos à introdução à análise das *Homilias sobre São Lucas*. Em sua obra *Les Origines de la Diatribe Romaine*, André Oltramare estabelece variadas noções sobre o controvertido tema da diatribe. E a parênese, objeto de nosso estudo, que os dicionários costumam apenas definir como “exortação à virtude”⁵, encontra em sua tentativa de definição um importante esclarecimento, no que diz respeito a diversas modalidades que o discurso diatríbico encerra em si, como discurso moralizante popular.

O autor André Oltramare afirma que definir a diatribe é uma tarefa árdua. Afirma que a parênese é “filosoficamente inseparável” da diatribe (OLTRAMARE, 1926, p. 9). Entre outras coisas, ressalta que traçar a história da diatribe é também traçar a “história da literatura moralizante popular”, elencar tendências da “vulgarização do diálogo filosófico”. Entre as vertentes filosóficas, cita os estoicos, os hedonistas, os cínicos, entre outros, e assinala os discípulos de Bión⁶ como os primeiros propagandistas da literatura diatríbica.

Entre os caracteres formais mais evidentes da diatribe encontramos presente o debate com um interlocutor fictício, que entendemos ser a

⁵ “Exortação moral. Etimol. Paránesis, eos: exortação, encorajamento, conselho, recomendação. Houaiss (2008), p. 2134. O referido dicionário ainda traz o termo parenética (“eloquência religiosa”) e o adjetivo parenético.

⁶ Filósofo grego (II-III século a.C.) Ele foi acolhido na corte de Antígona Gonatas, e morreu, acreditase, em Cálcis, na Eubeia. Pertencia à escola cínica, e era célebre pelas sentenças agudas de seu espírito satírico. Foi acusado de ateísmo. Estobeu, entre outros, conservou-nos dele alguns fragmentos. (LAROUSSE DU XXe. SIÈCLE, 1928, 1º vol. p. 712).

figura do possível leitor, de sua época ou de épocas posteriores. Esse interlocutor é apostrofado veementemente pelo filósofo em seu discurso, que entretanto não tem sua personalidade definida ou, pelo menos, detectável a partir do próprio texto. O discurso também contém um adversário, ou então mais que um, representados por pronomes de terceira pessoa, como marcas de sujeito indeterminado ou sujeito oculto, o qual apresenta, no mesmo discurso, uma opinião vulgar que o mestre condenará. Na maior parte das vezes, a objeção tímida deste serve para realçar as frases autoritárias do sábio. Disto, então, podemos concluir que o caráter dialógico se faz presente, condição que, ao longo dos tempos, se revelou ser a condição primeira de toda literatura, não apenas em épocas recuadas, como o caso de Orígenes que trataremos em seguida a este item, mas também em épocas posteriores.

A influência da retórica impregna o estilo diatribico. Menedemo e Bión foram importantes para que a diatribe se separe definitivamente do diálogo e, sobretudo, do diálogo socrático e esteja dotada de todos os procedimentos retóricos. O estilo se torna florido e os procedimentos retóricos dá uma aparência saltitante. O diatribista ataca seu adversário com uma grande quantidade de argumentos heterogêneos. As características mais importantes são o emprego de diminutivos, as citações de locuções populares e de provérbios, as metáforas, o paralelismo das frases, a conversão⁷ e as hipérboles. As oposições verbais são muito importantes. À natureza se opõe a lei ou a opinião. Encontra-se muitas vezes grupos imutáveis de virtudes e vícios, de bens e males, etc. Entre as figuras poéticas empregadas na diatribe, é importante citar a personificação das abstrações. Ocorre também a mescla do sério e do jocoso.

2. As Homilias sobre São Lucas, de Orígenes

As *Homilias sobre São Lucas* (*Homiliae in Lucam*), de Orígenes, originalmente compostas em grego, no século III d. C., são-nos transmitidas pela tradução latina de São Jerônimo, que data do século IV d. C.

Há que ressaltar que, como obra vinculada ao cristianismo, traz a marca do aspecto polêmico, pela própria natureza do assunto. O prólogo da edição francesa da coleção “Sources Chrétiennes” enumera as diver-

⁷ Noção de lógica: existem as conversões simples, por limitação ou por acidente, por negação, por contraposição. Ex.: Todo homem é um animal racional. Todo animal racional é um homem. (conversão simples).

sas visões acerca da natureza de Cristo e essas visões refletem o ceticismo acerca do seu nascimento, da concepção virginal no ventre de Maria, de sua corporalidade, da origem de sua incomparável sabedoria, dentre outros aspectos. O texto das homilias reflete sobre a leitura do evangelho e explica-o aos cristãos de seu tempo, com o intuito de esclarecimento do conteúdo do texto de São Lucas e da Sagrada Escritura, de modo geral, que, muitas vezes, apresenta dificuldades inextricáveis para a compreensão de cristãos recém-convertidos e acostumados com os padrões e cânones literários da época clássica, da herança da filosofia grega antiga e da era helenística, para os quais a novidade do cristianismo é detectada segundo esse crivo crítico e, frequentemente, não assimila corretamente a complexidade da natureza de Cristo, de seu contexto histórico e cultural, bem como as implicações dos textos compostos sobre a vida e os atos de tão insigne personagem que é Jesus Cristo.

Nesse contexto de pós-classicismo na Grécia e em Roma, julgamos que seja natural que uma primeira tentativa de uma abordagem compreensiva da Escritura tenha resultado em interpretações destoantes da ortodoxia católica e que essas concepções sejam alvo da ação dos homens doutos e estudiosos da Bíblia, que se preocupem com a retidão da doutrina entre os novos cristãos, oriundos da cultura clássica greco-latina. Os hereges, desde sempre, são os alvos da ortodoxia, e rebelam-se continuamente. A ortodoxia, nesse momento, não tem a força do aparato judicial que terá no futuro, mas observamos certa virulência em potencial nas investidas do autor.

A tradução de São Jerônimo traz-nos trinta e nove homilias, redigidas em latim, as quais desenvolvem reflexões sobre fragmentos do evangelho de São Lucas, e que, após a explicação esmiuçada de determinada passagem, onde responde também a doutrinas heréticas de seu tempo, o autor volta-se ao leitor para incutir-lhe uma reflexão resultante dessa exposição, que redunde em admoestação para a sua vida, em sua busca de Cristo, com vistas ao implemento da sua relação com Cristo e com a Igreja, ao seu crescimento na devoção ao mistério cristão e tudo o que se relaciona a essa devoção, como a devoção à Sagrada Família, o culto a Maria, em suma, tudo o que se refere à vida cristã, de um modo geral. Neste sentido, é que vislumbramos o conteúdo parenético das homilias, que, em si, já reflete sobre uma primeira parênese que é o texto evangélico, o qual busca ensinar a verdade sobre o Cristo e, neste sentido, é parenético também.

Seria de todo útil que se procedesse à leitura da obra “Vida de Jesus”, de Ernest Renan, citada na bibliografia. É um relato histórico clássico sobre as ações de Cristo, com reflexões muito esclarecedoras sobre as origens do cristianismo. Tal obra esclarece muitos pontos controversos da biografia do fundador do cristianismo, bem como sobre a história inicial da Igreja, com importantes fontes judaicas, cristãs e greco-romanas.

3. O discurso parênético de Orígenes em suas Homilias sobre São Lucas

Nesta sessão, analisaremos textos e fragmentos de textos nos quais verificamos a pertinência da parênese, em particular de um texto de parênese cristã, como é o caso de Orígenes. Abaixo, citamos a definição do gênero homilia:

A homilia e o sermo qualificam uma composição oratória, uma peça destinada a ser proclamada. Estes dois gêneros de eloquência se distinguem da conversa espiritual, *consolatio* ou *colloquium*, de sabor ascético e místico. No nível semântico e filológico, estas distinções não devem ser generalizadas, nem estabelecidas de modo rígido. (BERARDINO, 2002, p. 692)

Como a homilia é uma peça oratória, está calcada nas diversas injunções retóricas que mencionamos anteriormente sobre a influência da arte retórica nas composições diatríbicas. Do discurso moralizante popular que é a diatribe, já que a diatribe não constitui um gênero, e, sim, uma tendência, um elenco de gêneros literários em que predominam algumas características de estilo e de procedimentos retóricos, a parênese e, particularmente, a parênese cristã de Orígenes seleciona alguns dos caracteres essenciais da diatribe, que são o predomínio do conteúdo moralizante popular, o ataque à doutrina dos adversários (no caso, os hereges ou os heresiarcas), o diálogo com um interlocutor fictício, as hipérboles, as metáforas, os paralelismos das frases, a estruturação do texto como se fosse um elenco de perguntas e respostas, as oposições verbais diversas como virtude e vício, bem e mal, pecado e graça etc.

No texto de Orígenes, há a menção a heresias e seus respectivos heresiarcas, que aparecem como terceira pessoa, bem como a interpelação dirigida a uma segunda pessoa, com quem o orador trava um diálogo. Como as *Homilias sobre São Lucas* datam de uma época primitiva da história do cristianismo, o contexto de época ainda é o da disseminação do ideal cristão de vida, em contraste com a herança helenística, que oferece resistência cultural à nova religião, e com o contexto da Roma impe-

rial, esvaziada de sua grande literatura, e que se acha mergulhada em um vazio de ideais e de sentido para a existência.

Vejamos como exemplo a Homilia XVII, que discorre, entre outras coisas, sobre a questão do sinal de contradição (Lucas 2, 34). Na edição “Sources Chrétiennes”, encontramos a referida reflexão nos parágrafos 4 e 5. Ali ele faz menção aos marcionistas (partidários de Marcião), aos ebionitas (partidários de um suposto fundador Ebião), aos Docetistas (que inclui diversas tendências), a Metódio de Olimpo (discípulo de Orígenes). Os marcionistas negam que o Pai Eterno, Pai de Jesus, tenha sido o mesmo que o do Antigo Testamento, que não é o Pai benigno pregado por Jesus. Os ebionitas creem que Jesus é “um simples homem”, que nasceu de um homem e uma mulher e rejeitam a pregação de São Paulo e viviam segundo as leis judaicas. Os docetistas rejeitavam a verdadeira humanidade de Jesus, com base na filosofia platônica. Metódio de Olimpo, discípulo de Orígenes, recusava várias de suas ideias, dentre elas a ressurreição de Jesus com um corpo glorioso. Assim vejamos o texto latino e sua tradução:

4. *Iste igitur in ruinam et in resurrectionem multorum positus est in Israel, hoc est in his, qui plena possunt acie et ratione conspicere, et in signum, cui contradicetur.* Omnibus, quae narrat historia de Salvatore, contradicetur. *Virgo mater est, signum est, cui contradicetur: Marcionitae contradicunt huic signo et aiunt penitus eum de muliere non esse generatum; Hebionitae contradicunt signo, dicentes ex uiro et muliere ita natum esse, ut nos quoque nascimur. Habuit corpus humanum, et hoc signum est, cui contradicetur: alii enim dicunt eum uenisse de caelis, alii tale, quale nos, corpus habuisse, ut per similitudinem corporis etiam nostra corpora redimeret a peccatis et daret nobis spem resurrectionis. Resurrexit a mortuis, et hoc signum est, cui contradicetur: quomodo resurrexit, utrum ipse et talis, qualis mortuus est, an certe in melioris substantiae corpus resurrexerit; 5. et est infinita contentio, aliis dicentibus: fixuram clauorum Thomae monstrauit in manibus suis, aliis e regione tractantibus: si idem corpus habuit, quomodo *clausis ingressus est ostiis et stetit.* Vides igitur, quemadmodum argumentis uariis etiam resurrectionis eius quaestio concitetur, et in signum, cui contradicetur. Ego et hoc, quod prophetarum ore praedictum est, puto signum esse, cui contradicetur; sunt enim plures haeretici, qui asserunt eum a prophetis penitus non fuisse praedictum. Et quid me necesse est multa prosequi? Omnia, quae de eo narrat historia, signum est, cui contradicetur, non quo contradicant hi, qui credunt in eum – nos quippe omnia scimus uera esse, quae scripta sunt – sed quia apud incredulos uniuersa, quae de eo scripta sunt, signum sit cui contradicetur.*

4. Ele, portanto, “foi estabelecido para a queda e o soerguimento de muitos em Israel”, isto é, daqueles que podem olhar com plena penetração e espí-

ritualidade⁸ e para o “sinal de contradição”. A tudo é contradito o que narra a história do Salvador. Uma virgem é mãe, eis um sinal de contradição; os Marcionitas⁹ se opõem a este sinal e afirmam com insistência que o Cristo não nasceu de uma mulher; os Ebionitas¹⁰ se opõem a este sinal e dizem que ele nasceu de um homem e de uma mulher, como nós também nascemos. Teve um corpo humano, e este sinal é de contradição: uns dizem que este corpo veio do céu, outros que ele teve um corpo tal qual o nosso, para que, pela semelhança de corpo também pudesse redimir nossos corpos do pecado e dar-nos a esperança da ressurreição¹¹. Ressurgiu dos mortos, e este é um sinal de contradição: como ressuscitou? Ressuscitou com seu próprio corpo e tal qual morreu ou, sem dúvida, para um corpo formado de uma substância superior¹²? 5. E é infinita a contestação, quando uns dizem: ele mostrou a chaga dos cravos nas suas mãos a Tomé; outros objetam, ao contrário: se ele retomou o mesmo corpo, como “ele entrou com as portas fechadas e se achou lá de pé”? (João 20, 26) Tu vês, portanto, pela variedade dos argumentos, como a própria Ressurreição levanta controvérsias e se torna sinal de contradição. Por minha parte, eu penso que também aquilo que foi predito pela boca dos profetas é sinal de contradição; existem, com efeito, vários hereges que afirmam que o Cristo não foi de modo algum anunciado pelos profetas. Aliás, que necessidade há de prosseguir muito longamente? Tudo o que narra a história sobre o Cristo é sinal de contradição; contradição não para aqueles que creem nele – porque nós sabemos que o que foi escrito é verdadeiro – mas todas as coisas que sobre ele foram escritas, para os incredulos, é sinal de contradição¹³.

No texto que vemos acima então há o debate do homilista com os hereges que são terceira pessoa, aos quais contrapõe sua pregação sobre o Evangelho, instaurando uma leitura que corrige o erro e as interferências indevidas na interpretação do lugar que o Cristo representa no mundo, sua natureza, vida e ação entre os homens, paixão, morte e ressurreição. Dirigindo-se ao interlocutor de suas homilias (interpelação do

⁸ Segundo a etimologia, Israel significaria “ver Deus”, tendo ganhado outro sentido depois da luta de Jacó (Israel) com o anjo (Gen. 32, 29).

⁹ Os marcionistas recusavam o Antigo Testamento, fonte na qual se acha presente a preparação para a vinda e o nascimento de Jesus, e seu nascimento carnal. Orígenes contesta as teses deste autor e nos apresenta um Cristo que assume um corpo humano em Maria, fato que podemos sentir no texto que ora apresentamos.

¹⁰ As características mais importantes deste grupo são: o fato de terem acolhido Jesus como “simples homem”, viviam segundo a lei judaica e rejeitaram Paulo. (BERARDINO, 2002, p. 437).

¹¹ Os docetistas, ao contrário do que afirma Orígenes, desprezavam, com base em doutrinas platônicas, a verdadeira humanidade de Jesus, importantíssima para a salvação.

¹² Metódio de Olimpo não aceitava as ideias de Orígenes, de quem fora discípulo, sobre a ressurreição da carne, dentre outras ideias. Segundo Orígenes, a segunda alternativa é a sua posição, segundo a qual Cristo ressuscitaria com um corpo glorioso.

¹³ Tradução do autor deste trabalho. O texto latino se encontra no final, como anexo.

pronome tu, segunda pessoa, sujeito de *uides*), o homiliasta lembra que o mundo está repleto de interpretações que desviam o foco da verdadeira ação do Cristo que a todos conclama à virtude e à prática de seus ensinamentos. Ora, crer corretamente é olhar com a devida atenção para aquele que, a todo momento, interpela os homens para a prática do bem, para o afastamento dos vícios e mazelas da civilização pagã, assim como Jesus denunciava o afastamento do espírito da Lei e a degradação dos filhos de Israel, no seio da cultura judaica helenizada de seu tempo.

Ainda na mesma homilia, discorre sobre a profecia de Ana, que se casou uma única vez. Este fato é posto em evidência pelo homiliasta. Em franca oposição à civilização contemporânea e seus costumes liberais, bem como era o caso das civilizações pagãs, e também como “sinal de contradição”, ele apregoa que a perfeição da vida cristã requer que a pessoa se case uma única vez, para que uma segunda ou terceira união não soe como satisfação dos desejos carnis, quando seria desejável uma única união:

Puto enim monogamum et uirginem et eum, qui in castimonia perseueret, esse de ecclesia Dei, eum uero, qui sit digamus, licet bonam habuerit conuersationem et ceteris uirtutibus polleat, tamen non esse de ecclesia et de eo numero, qui “non habet rugam aut maculam, aut quid istiusmodi”, sed esse de secundo gradu et de his, “qui inuocant nomen Domini”, et qui saluantur quidem in nomine Iesu Christi, nequaquam tamen coronantur ab eo: “cui est gloria et imperium in saecula saeculorum. Amen”.¹⁴

Eu penso, com efeito, que aquele que se casou apenas uma vez, o que permaneceu virgem e o que perseverou na castidade faz parte da Igreja de Deus; mas o que se casou duas vezes, ainda que tenha tido boa conduta e se exceda em outras virtudes, não faz parte, porém, da Igreja e do número que “não tem nem ruga nem mancha nem nenhum defeito deste tipo”, mas ele é colocado na segunda posição e dentre aqueles que “invocam o nome do Senhor”, e que são evidentemente salvos em nome de Jesus Cristo, sem serem, entretanto, coroados por ele, “a quem pertencem a glória e o poder nos séculos dos séculos. Amém”. (I Pd. 4, 11)

Na composição da homilia citada, verificamos no texto latino a repetição de vocábulos, como o verbo *contradicere* que aparece diversas vezes como na reiteração da expressão *signum est cui contradicitur*, que traduzimos como “é sinal de contradição”. A enumeração dos exemplos e a reiteração da expressão que destacamos incute na mente do leitor uma evidência que se quer demonstrar e ver assimilada, como parte do ele-

¹⁴ Os destaques em itálico referem-se a fragmentos não identificados de outros livros da Bíblia, que a edição Sources Chrétiennes assinala deste modo.

mento de persuasão do discurso parenético, aquele que tem por finalidade induzir o leitor à virtude da vida de Cristo, narrada por Lucas e representada na homilia de Orígenes.

4. Conclusão

As homilias de Orígenes são peças de oratória sacra em que abundam os aspectos da parênese que é a exortação à virtude. Vimos que o gênero da homilia integra as definições de diatribe propostas por André Oltramare, na obra citada deste autor, e que, como tal, tem os aspectos retóricos característicos da diatribe, como o diálogo com o leitor de seu tempo, a condenação das heresias de época, a reiteração como procedimento de persuasão, e não contemplam, como a diatribe pagã, a mescla do sério e do jocoso, predominando apenas a seriedade.

Há que se observar que o texto é rico em camadas de discurso parenético. A começar pela vida de Jesus, que marcou um singularíssimo lugar na história da humanidade. Todas as suas ações e ensinamentos tiveram testemunhas oculares e testemunhos documentais inequívocos, que reiteram a sua virtude, e o ensinamento perfeito da virtude pelo amor que inspirou aos homens, seus contemporâneos e seguidores ao longo dos séculos. Em seguida, temos o Evangelho de Lucas, narrado por um dos companheiros de São Paulo, médico de ofício e que conheceu muito proximamente a pessoa que mais sabia sobre a vida do Cristo, que foi Maria. Seu evangelho retrata fielmente essas fontes da vida de Jesus. Finalmente, temos Orígenes, segundo a tradução de São Jerônimo, que nos faz refletir sobre a virtude de Jesus e seus ensinamentos que a refletem, seguindo o roteiro de São Lucas.

As trinta e nove homilias nos faz percorrer com suas reflexões o itinerário da vida de Cristo, a partir de suas origens. Neste trabalho, apontamos apenas alguns aspectos mais relevantes do pensamento de Orígenes em suas relações com o seu momento histórico e cultural, no embate com as heresias de seu tempo. Mas a obra, em seu todo, é instigante, pelo que nos propicia quanto ao desvendamento dos sentidos intrincados do texto bíblico. Com estas homilias é possível uma imersão no universo da Sagrada Escritura, com a iniciação aos seus mistérios que vemos se desvelarem pelo verbo e pela ciência de Orígenes, mediados pela tradução de São Jerônimo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGÉ, Paul. (Dir.). *Larousse du XX^e siècle*. Paris: Librairie Larousse, 1928.

BERARDINO, Angelo di. (Org.). *Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs*. Trad.: Cristina Andrade. Petrópolis: Vozes, 2002.

BÍBLIA (a) de Jerusalém. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional/Paulus, 2000.

BOULLUEC (LE), A. *La notion d'hérésie dans la littérature grecque II^e et III^e siècles*. Tome II: Clément d'Alexandrie et Origène. Paris: Études Augustiniennes, 1985.

ERNOUT, A.; MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine*. Paris: Klincksieck, 2001.

HOUAISS, A et alii. *Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

OLTRAMARE, A. *Les origines de la diatribe romaine*. Lausanne et Genève: Payot, 1926.

ORÍGENES. *Homélie sur S. Luc*. Texte latin et fragments grecs de M. Rauer. Introduction, traduction et notes par H. Crouzel, F. Fournier, P. Périchon. Paris: Du Cerf, 1998.

PÉPIN, J. *Mythe et allégorie*. Les origines grecques et les contestations judéo-chrétiennes. Paris: Aubier, 1958.

RENAN, E. *Histoire des origines du christianisme*. Paris: Robert Laffont, 1995, 2 vol.

_____. *Vida de Jesus*. Trad.: Eliana Maria de A. Martins. São Paulo: Martin Claret, [s.d.].

SÃO JERÔNIMO. *Translatio homiliarum Origenis in Lucam*. Paris: Petit Montrouge, 1884, tomo XXVI.

SARAIVA, F. R. S. *Novíssimo dicionário latino-português*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Garnier, 1993.